

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
CURSO DE LETRAS

MAYKEL GOMES BEZERRA

**ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

PATU/RN

2017

MAYKEL GOMES BEZERRA

**ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA
PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Orientadora: Prof^a Ma. Maria Leidiana Alves.

PATU/RN

2017

MAYKEL GOMES BEZERRA

**UM ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM UM LIVRO DIDÁTICO DE
LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Departamento de Letras - DL, do *Campus* Avançado de Patu – CAP, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora

Prof. Ma Maria Leidiana Alves
UERN

Prof. Ma Maria Gorete Paulo Torres
UERN

Prof. Ma Kadygyda Lamara de França Leite
UERN

Aos meus pais e minha esposa que nunca me
deixaram desistir

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por estar sempre ao meu lado dando forças para persistir diante dos meus sonhos.

À minha mãe Antônia que sempre foi minha maior fonte de inspiração e que nunca mediu esforços para me ajudar.

À minha esposa Priscila que nunca deixou eu desistir e sempre esteve ao meu lado em momentos difíceis dessa caminhada.

Aos meus colegas Jonas, Haulley, Rayane, Maykon e Andreza que foram verdadeiros amigos nessa jornada de conhecimento.

À professora Leidiana por suas orientações precisas e esclarecedoras.

Agradeço de todo o meu coração.

“parece ser mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de Língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos.” (Marcos Bagno)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a proposta do livro didático do primeiro ano do ensino médio, observando se é e como é abordada a variação linguística. O livro utilizado na pesquisa foi o português linguagens de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2013), adotado em uma escola pública da cidade de Patu – RN. Como aspectos metodológicos definidos para o desenvolvimento desse trabalho, nos pautamos na pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, apoiando-se teoricamente em estudos de pesquisadores como Bagno (1961), Bortoni-Ricardo (2009), Martellota (2008), bem como nas orientações de documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), entre outros. De acordo com os resultados de nossa análise, percebemos algumas mudanças de visão do livro didático, que representam um certo avanço, dando uma maior ênfase para o ensino, definição, reflexão das/sobre as variações e defendendo a importância de estudar e conhecer as variantes para melhor adequar-se linguisticamente. Contudo, algumas inadequações no modo de tratar as variações persistem, como exercícios de correção de uma variante popular para a norma escrita, associação da variação a uma camada social inferior, enfim, continuam e precisam ser corrigidos para assim atender aos objetivos do ensino da língua.

Palavras-chaves: Ensino de Língua Portuguesa. Livro Didático. Variação linguística.

ABSTRACT

This study aims to analyze the proposal of the textbook for the first year of high school, noting that it is and how it is addressed to linguistic variation. The book used in this research was the Portuguese languages of Cereja and Magalhães (2013), adopted at a public school in the city of Patu - RN. As methodological aspects set out in the development of this work, we followed in bibliographic research of a qualitative nature, supported theoretically in studies of researchers as Bagno (1961), Bortoni-Ricardo (2009), Martellota (2008), as well as the guidelines of official documents such as the National Curriculum Parameters (2000) among others. According to the results of our analysis, we realized some changes in vision of the textbook, which represent a certain advance, giving greater emphasis to the teaching, definition, reflection of/about the variations and defending the importance of studying and knowing the variants to best suit linguistically. However, some of the inadequacies in order to deal with the changes persist, as exercises for correction of a popular variant to the written rule, association of variation to a social layer below etc, remain and need to be corrected to so meet the objectives of the teaching of the language.

Key words: Teaching of Portuguese Language. Textbook. Linguistic variation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS.....	12
2.1 Variação linguística e ensino de língua portuguesa	14
2.2 Contribuição da sociolinguística para o ensino de variantes	16
3 ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS LINGUAGENS”, DO ENSINO MÉDIO	20
3.1 A variação linguística no livro didático do ensino médio	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5 REFERÊNCIAS.....	36

1 INTRODUÇÃO

A língua tem mostrado cada vez mais que não é algo imóvel, estagnado no avanço constante do tempo. Pelo contrário, a língua tem um grande poder de transformação e evolução, o que está levando, há alguns anos, estudiosos a procurarem saber mais sobre. As mudanças constantes da língua têm se dado muito por fatores externos, fatores relacionados aos seus próprios falantes como a idade, o sexo, a profissão, região, entre outros fatores. A Língua Portuguesa é a língua oficial de nove países, são eles: Portugal, Guiné-Bissau, Angola, Cabo Verde, Brasil, Moçambique, Timor Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné Equatorial; mais de 250 milhões de pessoas falam essa língua (80% são brasileiros). A língua possui características próprias em cada país, questão de pronúncia, sotaque.

As variações linguísticas são um fato que cada vez mais ganha destaque em encontros de pesquisadores e em debates acerca do ensino de língua portuguesa, pois como sabemos o português sempre teve maior enfoque na gramática normativa, nas regras do uso dos signos linguísticos, dizendo “o certo” e o “errado” independente de como toda uma região, comunidade fala. O aluno chega à sala de aula para aprender um “português” diferente do seu que muitas das vezes, o educador e o livro vão considerá-lo “errado”, razão pela qual o aluno tem que “aprender” o jeito que o professor, a gramática, o livro didático, dizem que é “certo”.

A sociolinguística é uma área de estudo responsável por identificar e estudar melhor essas variantes, e vem lutando contra o preconceito, ou até mesmo o “esquecimento” das variações pelos professores que ensinam apenas as regras do português-padrão (forma de falar que é minoria em um país de dimensões continentais), o que é um costume que vem desde a época em que não existia a sociolinguística e seus estudos. Não estamos aqui para afirmar que a escola deve esquecer a forma padrão, mas para reafirmar que ela não pode ignorar as variantes presentes em sua região, a que o aluno traz de casa, do convívio social, da comunidade, do seu grupo de conversas. A escola tem que pensar como mostrar essas diferenças e explicar-lhe sobre a adequação da utilização das variantes, conforme cada situação de sua interação, de seu convívio social.

O livro didático tem critérios de avaliação que o Ministério da Educação (MEC), juntamente com o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) utiliza para que os livros sejam sempre de qualidade para os alunos e professores. Os livros são analisados por especialistas de cada disciplina, dos livros que atendem a todos os critérios selecionados são disponibilizados um exemplar para os professores analisarem e escolherem o material que se achar melhor para o auxílio em sala de aula.

A intenção aqui não é menosprezar nenhuma forma de fala, seja padrão ou não, mas sim, tentar melhor compreender como os livros didáticos têm trazido esse assunto para aqueles que passarão todo um ano adquirindo conhecimento, formando ou reformulando conceitos através do trabalho com o conteúdo contido no livro. Assim, analisaremos o livro didático do 1º ano do ensino médio “Português linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. A escolha desse livro se deu por ser o utilizado na cidade de Patu-RN, desde 2015, sendo esse o seu último ano de uso. Portanto, tentamos responder às seguintes interrogações: como é proposto o trabalho de variação linguística no livro didático do 1º ano do ensino médio? Ocorre preconceito das variantes? Qual o papel do livro didático no ensino de variação linguística?

Esses são pontos que analisaremos e, para tanto, desenvolveremos a investigação do livro, também por meio de uma pesquisa bibliográfica, apoiando-se em argumentos de pesquisadores da área da sociolinguística, dos quais destaco Bagno (1961 e 2007), Bortoni-Ricardo (2009), Mussalin & Bentes (2001), Dionísio e Bezerra (2002) e os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (2000), entre outros. Os procedimentos metodológicos utilizados foram análises do trecho do livro linguagens, destinado ao tratamento do ensino da língua e suas variantes, apoiando-se nas pesquisas dos estudiosos citados. Portanto, este trabalho está dividido em dois capítulos: o primeiro trabalhará sobre a teoria da sociolinguística, compreendendo melhor os estudos e avanços da área e a variação no ensino da língua, relacionado com as orientações dos PCNS. No segundo capítulo apresentaremos uma análise qualitativa do livro “Português linguagens”, de Cereja e Magalhães (2013), logo em seguida, nossas considerações finais.

2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A língua possui diversas formas de ser utilizada, ela é plural e em cada região pode ter seu próprio meio de falar, de se expressar, as variedades podem ocorrer como pequenas expressões que carregam grandes significados e possuem seus sentidos completos que satisfazem a necessidade de fala na ocasião. Assim, não se pode afirmar que uma variação é melhor que outra, pois cada uma tem seu papel expressivo, conforme seu uso. São inúmeros os fatores que podem levar o falante a variar seu estilo de fala, como diz Mussalin & Bentes (2001, p. 38):

os falantes diversificam sua fala – isto é, usam estilos ou registros distintos – em função das circunstâncias em que ocorre suas interações verbais. Segundo Camacho, os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação “decorre de uma seleção dentro do conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente.

Essa é a variação que ocorre na língua, um ponto em que o falante tem a capacidade de mudar seu estilo de fala, dependendo do que esteja acontecendo ao seu redor, um recurso que muitas das vezes acontece inconscientemente e o falante nem percebe essa mudança em seu estilo de fala, principalmente, se for uma utilização informal, pois a utilização informal da língua é bem mais simples: “A seleção de formas envolve naturalmente um grau maior ou menor de reflexão, por parte do falante: o uso do estilo formal, em relação ao informal, requer uma atuação mais consciente.” (MUSSALIN & BENTES, 2001, p. 38).

A variação linguística não é algo que pertence unicamente aos dias atuais, na verdade ela pode ser observada desde o início dos primeiros atos de interação humana. São variações que percorrem o percurso do tempo, modificando, adaptando-se à necessidade de evolução presente em seus falantes. A respeito disso Sá (2007, p. 45) diz:

A variação é uma propriedade inerente a qualquer língua e pode ser observada em qualquer período histórico manifestando-se no âmbito da sociolinguística, quando procura explicar as variedades dialetais, e no estudo da mudança linguística, ocasionado pelos processos sincrônicos da língua.

A sociolinguística: “é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística.”(MARTELLOTA, 2008, p. 141). A corrente sociolinguística pesquisa a língua como algo móvel, que tem íntima relação com o ambiente ao seu redor, Martellota (2008, p. 141) diz que: “Para essa corrente a língua é uma instituição social e, portanto, não pode ser estudada como uma estrutura autônoma, independente do contexto situacional, da cultura e da história das pessoas que a utilizam como meio de comunicação.”

A língua sendo considerada um fator social mostra toda a sua heterogeneidade, a individualidade, a capacidade do indivíduo em criar, e modificar de acordo com a situação, seu sexo, idade, fatores sócios econômicos e políticos:

A linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o locutor é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado. E por ser um parâmetro que permite classificar o indivíduo de acordo com sua racionalidade e naturalidade, sua condição econômica ou social e seu grau de instrução, é frequentemente usada para discriminar e estigmatizar o falante. (LEITE, 2005, p. 7)

A língua tem uma relação tão profunda com a sociedade e com o sujeito que a utiliza que pela análise de uma fala de um indivíduo, pode-se adquirir diversas informações sobre ele, como citadas acima. Os recursos que os falantes utilizam em suas construções de comunicação não podem ser descartados como “erros” da língua, a variação torna a língua um instrumento ainda mais interessante e inseparável da sociedade e das mudanças que nela existe, já que “É pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens” (ALKIMIN, 2006, p. 26).

A capacidade individual de codificar e decodificar a fala de outros falantes, mesmo de regiões distantes, mostra a capacidade linguística de cada um, apresentando uma flexibilidade que não prejudica o entendimento, a

interação, pelo contrário é uma qualidade: “(...) a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.”(ALKIMIN, 2011, p. 31).

2.1 Variação linguística e ensino de língua portuguesa

A língua portuguesa em sua realização concreta nunca se equivalerá a algo estático, homogêneo. Considerando estudos recentes vemos algo entrando em destaque, a variação linguística. A língua possui variantes bem específicas dependendo de cada região, *status*, sexo, enfim, o falante impregna nelas características bem perceptíveis, como por exemplo, podemos citar o sotaque baiano que é bem arrastado, com expressões do tipo, meu rei, oxente (essa última usada em quase todo o Nordeste), e no Sul o tchê, sendo que existem outras inúmeras formas e expressões espalhadas por todas as regiões de um país enorme, que possui dimensões continentais. Contudo, o ensino não tem abrangido todos os aspectos significativos da língua enquanto realização social.

O ensino de língua portuguesa tem “retraído” as variantes, focando simplesmente em norma padrão. O padrão, que é considerado por muitos como o correto, o mais belo português. Sobre a heterogeneidade da língua Bagno (1961, p. 36) diz:

[...] a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído.

Portanto, ele afirma que a língua tem variações que por vários fatores influencia no dia a dia do falante, em outras palavras, a língua é como uma grande árvore que tem o tronco sempre em evidência, mas nela existem diversos galhos de diferentes formas e comprimentos, Nesse sentido, questionamos o seguinte: Esses galhos fazem parte dessa árvore? Claro que sim, assim é como ocorre na língua, não podemos ignorar todas as suas possibilidades de utilização. Bagno (1961) diz que se pensar em língua,

considerando-a apenas a forma padrão, estará deixando-a homogênea, e assim, limitaremos toda a sua capacidade de expressão e evolução.

A forma padrão da língua, em muitos casos, tem a preferência pelos professores durante as aulas de língua portuguesa, a idealizada na gramática normativa que é com o que os alunos se deparam nas aulas de português, com todas as regras que compõem o padrão pouco utilizado pelos falantes. O que não instiga os alunos a participarem da aula, e tornam os resultados frustrantes. Os parâmetros curriculares nacionais afirmam que é importante que os alunos saibam e entendam sobre as variações linguísticas, pois elas são um fenômeno inerente à língua.

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa” está se falando de uma unidade que a constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (BRASIL, 1998, p.29)

O ensino das variantes é de suma importância para o aluno desenvolver capacidades linguísticas, levando o aluno a aprimorar sua oralidade, desenvolver suas capacidades de produção e interpretação literária, além de criar uma capacidade de adequação linguística, ou seja, todos os mecanismos linguísticos são trabalhados:

Os conteúdos [...] da construção de instrumentos para análise do funcionamento da linguagem em situações de interlocução, na escrita, leitura e produção, privilegiando alguns aspectos linguísticos que possam ampliar a competência discursiva do sujeito. São estes: 1.Variações linguísticas: modalidades, variedades, registros [...] (BRASIL, 1998. p. 36).

O contato com o estudo das variantes além de proporcionar uma análise do português em seu uso real, possibilita ao aluno aumentar sua capacidade de produção discursiva, ou seja, sua interação com o outro ganha uma possibilidade maior de recursos, expressões que servirão para o seu uso em

diversos momentos de interação do falante com o seu próximo. As variações têm sua importância e não devem sofrer discriminações, ter certa exclusão de seu ensino, pois todo falante a utiliza de alguma forma, mesmo que de modo mais sutil que passe despercebido.

O problema que envolve a língua e seu ensino é a consideração de uma língua perfeita e pronta, sem nenhuma alteração ou evolução, com este pensamento realmente as variantes se tornam um erro, mas não podemos pensar assim, pois:

O verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem-acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas (BAGNO, 1961, p. 37).

O aceitamento das variantes é o primeiro passo para o avanço no ensino de língua materna, um ensino primordial para qualquer ser humano, pois nas variantes está toda a sua relação social, sua interação com sua comunidade com o mundo.

2.2 Contribuição da sociolinguística para o ensino de variantes

A sociolinguística tornou-se uma corrente consolidada em meados do século 60, quando a vertente “língua e sociedade” começou a ser explorada em pesquisas, essa relação inerente, ocasionou o surgimento da sociolinguística, que procura explicar o efeito da sociedade na língua, ou seja, nos fatores extralinguísticos que estão presentes na sociedade (sexo, idade, região, economia), sempre procurando ir mais a fundo e tentando preencher toda a amplitude do espaço chamado Linguagem.

O ensino de língua portuguesa ainda tem grande ênfase no ensino das regras gramaticais, da gramática normativa. Vale esclarecer que o que sugerimos aqui não é que se deve banir essas regras, mas entender que a língua evolui, muda com o tempo, aceitar essas mudanças adaptar-se, e não tornar-se um guerreiro e declarar guerra contra as mudanças que ocorrem naturalmente com o passar do tempo, pois como nos aconselha Bagno (1961

p. 158): "(...) as normas linguísticas, como todas as normas sociais, mudam com o tempo e que de nada vale lutar contra essa mudança - mais sensato é tentar se adaptar a elas (...)".

O aluno ao chegar à escola enfrenta sérios problemas no ensino da língua materna, quem nunca ouviu as expressões do tipo: "Não gosto de português, ou, português é muito difícil, não sei falar português?" Enfim, muitas dessas expressões surgem pela forma de como a escola trabalha com o ensino de língua portuguesa, sempre centrado nas regras, que o aluno não utiliza no seu dia a dia, com os seus amigos, para conversa com seus familiares, em diversas situações que o aluno passa naturalmente no seu dia. Todos têm a capacidade de fala, todos sabem falar português:

Todo falante nativo de português, independentemente de sua posição no contínuo de urbanização e independentemente também do grau de monitoração estilística na produção de uma tarefa comunicativa, produz sentenças bem formadas, que estão de acordo com as regras do sistema da língua que esse falante internalizou. (BORTONI-RICARDO, 2009, p. 72)

Ao aprender uma língua, ao fala-la, sabe-se utilizá-la, talvez ocorra o desconhecimento das regras da norma padrão, talvez ocorra o ocultamento ou despreparo dessa informação da apresentação das variantes, causando um total desconforto e até mesmo um impacto negativo diante das aulas de português.

Infelizmente as variantes sofrem grande preconceito, principalmente pelas diferenças sociais dos seus falantes, o estilo de fala dos bem sucedidos tem um teor de ser certo, e os que não têm uma escolarização ou mesmo cargo alto na sociedade, tendem a ter o seu estilo de fala discriminado, inferiorizado, o que para a sociolinguística não é adequado, cada fala tem seu igual valor no âmbito comunicacional. Sobre o preconceito Bagno (2003, p. 40) diz:

Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, 'errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente', e não é raro a gente ouvir que 'isso não é português'.

Cabe a quem dar um ponto final nesse preconceito citado pelo autor? Cabe à escola, o início se dá na instituição que forma os nossos jovens e crianças. A partir do reconhecimento da instituição que a língua não é algo estagnado e que não existe variante melhor ou pior, certo ou errado, todas têm sua igualdade na sociedade e não pode acontecer o que Bagno (2003, p. 15) diz: “(...) a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização.”

A cada passo que avança os estudos da sociolinguística, percebe-se a necessidade de rever os conceitos aplicados em sala e na universidade, pois os professores têm uma visão, ainda muito limitada em relação às variantes, quase que preconceituosa:

Entende-se, desse modo, que a formação do professor de língua portuguesa, em qualquer nível, deva ser radicalmente modificada, passando a fundamentar-se no conhecimento, compreensão e interpretação das diferenças hoje e sempre existentes na escola, a fim de que haja uma mudança de atitude do professor diante das condições socioculturais e linguísticas dos alunos. (CALLOU, 2009, p. 14).

A mudança de pensamento deve acontecer também nas universidades, para que tenha cada vez mais profissionais com um conhecimento ainda mais amplo, com uma pedagogia ainda mais dinâmica e convidativa do que uma excludente e “limitada” com foco sempre nas regras da norma padrão. Em relação aos conteúdos Callou (2009, p. 14) diz:

Faz-se necessária também uma reformulação dos conteúdos e dos procedimentos de ensino da língua, que tem por objetivo o domínio da chamada norma culta, sem estigmatização, contudo, das variedades linguísticas adquiridas no processo natural de socialização.

O autor cita uma reformulação dos conteúdos e procedimentos de ensino, os livros didáticos, grandes auxiliares do professor, tem sua importância e sua culpa, pois dependendo do que nele venha, o professor baseará a sua aula, a sua maneira de repassar o conteúdo sobre as variantes.

De acordo com Bagno (1961, p. 119), “os livros didáticos deram um espetacular salto de qualidade”, mas os problemas existem e precisam ser corrigidos.

Um dos principais problemas que encontramos nos livros didáticos é uma tendência a tratar da variação linguística em geral como sinônimo de variedades regionais, rurais ou de pessoas não escolarizadas, parece estar por trás dessa tendência a suposição (falsa) de que os falantes urbanos e escolarizados usam a língua de um modo mais “correto, mais próximo do padrão, e que no uso que eles fazem não existe variação (BAGNO, 1961, p.120).

O problema do preconceito linguístico persiste, estando presente também nos livros didáticos. O livro didático é uma ferramenta indispensável em qualquer sala de aula, por qualquer professor, deve ser apenas mais um instrumento de uso e não o responsável pela sequência e a maneira como serão as aulas.

A partir do 3º capítulo, iniciaremos a análise de como o livro de português linguagens de Cereja e Magalhães (2013) traz os conteúdos relacionados com a variação linguística, analisando como são propostos seus conteúdos, se apresentam um teor preconceituoso ou demonstrativo, sempre refletindo sobre a importância do livro didático no ensino das variantes.

3 ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO LIVRO DIDÁTICO “PORTUGUÊS LINGUAGENS”, DO ENSINO MÉDIO

O livro escolhido para a pesquisa foi o livro “Português linguagens”, de Wiliam Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (2013), da editora Saraiva. O livro já está na 9ª edição e está no seu último ano de uso (desde 2015) em uma escola pública de Patu – RN. O livro é dividido em 4 unidades, a unidade 1 tem 10 capítulos, a 2 tem 8 capítulos, a 3, 10 capítulos e a unidade 4 tem 9 capítulos, e no final de cada capítulo vem um projeto sobre o ENEM. Os capítulos que trabalham com a língua apresentam a seguinte definição - Língua: uso e reflexão. Dois capítulos serão focos de nossa análise: o capítulo 3 - Linguagem, Comunicação e Interação e o capítulo 7 - As Variedades Linguísticas ambos da unidade 1.

O livro de Cereja e Magalhães (2013) contém um texto produzido pelos próprios autores, um texto de boas-vindas ao estudante, que para nós também servirá como um ponto de análise para conhecermos as ideias e concepções defendidas pelos autores no início do livro e recorreremos a esse texto ao longo da nossa pesquisa. O texto inicia assim:

Prezado estudante:

No mundo em que vivemos, a linguagem perpassa cada uma de nossas atividades, individuais e coletivas. Verbais, não verbais ou transverbais, as linguagens se cruzam, se completam e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social.

Fonte: Livro português Linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013)

Podemos perceber que a língua é referida como um fator social, como diz a sociolinguística, que anda lado a lado com a sociedade, acompanhando as mudanças presentes no convívio de seus falantes. Aqui já há uma abertura para o reconhecimento das diversas maneiras de se comunicar e das variantes presentes na língua, quando eles dizem: “(...) as linguagens se cruzam, se completam e se modificam incessantemente” (Cereja e Magalhães, 2013).

Os autores ainda falam da importância dos estudos em relação à linguagem, em uma sociedade que não para de evoluir e se reinventar, dando ênfase à ligação da língua e sociedade:

Nesse mundo em movimento e em transformação, os estudos de linguagem ou de linguagens tornam-se cada vez mais importantes. É por meio das linguagens que interagimos com outras pessoas, próximas ou distantes, informando ou informando-nos, esclarecendo ou defendendo nossos pontos de vista, alterando a opinião de nossos interlocutores ou sendo modificados pela opinião deles. É pela linguagem que é expressa toda forma de opinião, de informação e de ideologia.

Fonte: Livro português Linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013)

O reconhecimento dessa “movimentação” da sociedade em seus meios evolutivos, causando assim mudanças significativa na língua e nas variantes. A importância que Cereja e Magalhães (2013) dão a importância ao estudo da linguagem, por sempre está evoluindo ao passo da sociedade. Pensando assim, estudos como da sociolinguística sobre a língua são de grande importância. O reconhecimento dessa heterogeneidade é um grande passo, pois é assim que a língua é e como deve ser considerada ao estudá-la como orienta Bagno (1961) e o os PCNS quando apontam que devemos conhecer as variantes e valorizá-las.

Os autores continuam o texto falando da literatura clássica, literatura africana, a relação durante a história e da leitura.

No penúltimo capítulo do texto, eles voltam a falar da língua e de seu funcionamento na “interação verbal”:

Além disso, tem em vista ajudá-lo a compreender o funcionamento e a fazer o melhor uso possível da língua portuguesa, em suas múltiplas variedades, regionais e sociais, e nas diferentes situações sociais de interação verbal.

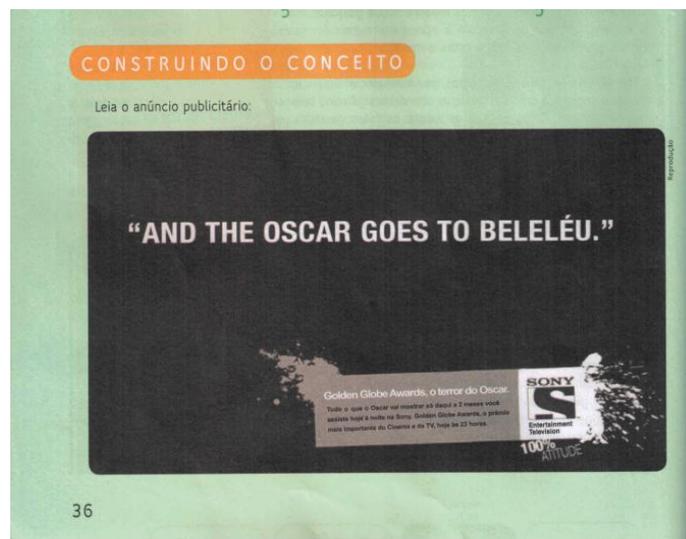
Fonte: Livro português Linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013)

Agora, Cereja e Magalhães (2013) falam da capacidade de adequar-se linguisticamente aos diversos fatores sociais de comunicação de um indivíduo. Ao citar o uso de adequação, vemos uma valorização das variantes, pois a adequação é uma forma de valorização, porque adequar-se, significa conhecer e utiliza-las de acordo com as diversas situações comunicativas do falante. Depois desse texto introdutório, vamos direto aos capítulos selecionados, iniciando pelo capítulo 3 da unidade 1.

O capítulo 3, cujo título é: “Linguagem, comunicação e interação”, inicia com um anúncio em inglês com a famosa frase do Oscar: “And the Oscar goes

to beleléu” (E o Oscar vai para o beleléu). E logo após apresenta um exercício referente a esse anúncio. O exercício em questão é relacionado ao direcionamento do cartaz a que tipo de grupo de pessoas e se ocorre comunicação. Cereja e Magalhães (2013 p. 36) iniciam trabalhando sobre o sentido de comunicação que às vezes o que se fala em grupo (como no caso aqui, os amantes do cinema) não pode fazer sentido para quem não acompanha o cinema, como no exemplo.

O interessante é que o capítulo inicia com o tópico: construindo o conceito, assim, percebemos que os autores sugerem um tema e logo em seguida um exercício que serve para que os alunos explorem o que já conhecem em relação ao conteúdo em questão e depois conceituam. É importante destacar que já mostram os caminhos que a interação pode ter como expressões, gírias, que cada grupo da sociedade pode usar, dependente de fatores como, idade, sexo, região, enfim, expõe essa heterogeneidade presente na língua.



Fonte: Português linguagens (CEREJA e MAGALÃES, 2013, p. 36).

A introdução de uma frase em inglês mostra que a diversidade de como interagir ultrapassa a barreira de uma língua materna, chegando a outra completamente diferente, mas mesmo assim existe compreensão o importante é saber para quem se dirigir, como falar, enfim, introduzindo a ideia de diversidade e a importância de conhece-las. Logo após essa construção e

conceitos os autores trazem o conceito formulado sobre o elemento comunicativo, a linguagem.

Linguagem é a expressão individual e social do ser humano e, ao mesmo tempo, o elemento comum que possibilita o processo comunicativo entre os sujeitos que vivem em sociedade.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES; p. 37).

Ao indicar que a linguagem é uma forma de expressão individual, os autores, indicam particularidades que a linguagem pode possuir. Na individualidade existem traços, ideologias, estudos, idade diferentes e assim criam-se uma pluralidade sem criar confusão. Os PCNS (1998), nos orientam que a língua portuguesa possui diversas variedades e os autores do livro analisado também reconhecem essas variedades e falam da importância que elas têm no meio social, assim gerando uma valorização das variantes.

A partir dessa primeira etapa falando de interação e linguagem, conceituando esses termos, na página 40 Cereja e Magalhães (2013) iniciam a falar da natureza móvel e da influência mútua que linguagem e o sujeito sofrem:

A língua está presente em todas as interações sociais de que participamos em nosso cotidiano, e por meio dela nos constituímos como sujeitos sociais. A maneira como falamos das coisas influi diretamente nas concepções que temos delas. E, dependendo do meio social e cultural em que uma pessoa vive, a língua se desenvolve de um jeito ou de outro, de forma que os sujeitos sociais e sua linguagem se influenciam mutuamente em sua constituição.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES; 2013 p. 41)

Percebemos por meio do trecho reproduzido, que os autores defendem a importância da língua e sua relação com o sujeito que a utiliza e com o meio social em que ele a utiliza. Os autores entendem que a língua é um fator social, como defende a sociolinguística, e está sujeita aos fatores extralinguísticos. As variedades começam a ser apresentadas, mesmo que de uma forma sutilmente, quando eles dizem: “e, dependendo do meio social e cultural em que uma pessoa vive, a língua se desenvolve de um jeito ou de outro”, os primeiros indícios de que a língua não é homogênea, mas sim heterogênea por diversos fatores como diz Bagno (1964), que não podemos pensar a língua

como algo parado, estagnado, pois assim pensamos em uma língua limitada e excludente.

Em outro trecho, os autores voltam a citar as variedades sutilmente, só que dessa vez mostrando “consequências” do seu uso.

Nas interações sociais de que participamos, podemos, por meio dos usos que fazemos da língua, abrir caminhos, atingir nossos objetivos, conquistar aqueles com quem interagimos ou, pelo contrário, perder oportunidades, ser mal compreendidos, criar inimizades ou antipatias.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES; 2013 p.41)

Em meio a essas palavras, pensamos: qual tipo de linguagem que usamos pode nos proporcionar grandes conquistas? Será que a dos grandes centros urbanos? Ou é da zona rural? De uma classe sócio econômica alta ou de uma mais baixa? Vemos a importância de estudar as variantes, pois com o seu estudo podemos adequar-se melhor linguisticamente para não sermos, em algumas situações, mal compreendidos.

Continuando a falar da língua, Cereja e Magalhães (2013) citam o estudo de Saussure e sua grande ajuda para os estudos linguísticos e falam sobre o significado e o significante, explicando a relação de cada um, contudo, no último parágrafo eles reconhecem a importância de seu estudo, mas ponderam que os estudos de Saussure não são suficientes para contemplar todas as especificidades existentes na língua.

As ideias de Saussure foram extremamente importantes para que a linguística moderna se tornasse uma ciência. Entretanto, a reflexão sobre os diferentes usos sociais da língua requer que se vá além da dissociação proposta por Saussure.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013 p.41)

Percebamos que depois da referência aos estudos de Saussure, Cereja e Magalhães (2013) abrem espaço para os estudos sociolinguísticos que não dissociaram a língua da fala como disse Martellota (2008).

Como vimos, nesse capítulo analisado, foram trabalhados conceitos sobre linguagem e língua e apesar de ser um capítulo introdutório, trazendo os conceitos de língua e linguagem foi possível perceber o reconhecimento da existência das variações e da noção de linguagem enquanto heterogênea e vinculada ao social e aos contextos específicos de utilização do sujeito. A pequena mostra de que vivemos em meio social, e que nossa língua possui variantes, mostram a importância de seu conhecimento.

Depois da introdução sobre a língua, iremos ao capítulo 7 da unidade 1. Observamos que o capítulo é todo destinado ao ensino das variedades linguísticas:



Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013 p. 78).

Vemos logo na folha de introdução do capítulo uma imagem de um homem trabalhando na zona rural, muito provavelmente da região nordeste. Bagno (1961) fala que os livros sempre retratam a ideia de que as variações são típicas da zona rural. Nesse primeiro instante, nos deparamos com um homem do campo, assim, o leitor pode muito facilmente associar a ideia de variedade apenas ao homem do campo, à zona rural e a uma região específica. Bagno (1961) cita exemplos de atividades que os livros traziam sobre a variação linguística, dizendo que é sempre colocado trechos de fala do Chico Bento ou de Patativa do Assaré. Cereja e Magalhães (2013) trouxeram um trecho de um texto Patativa:

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia este texto, de Patativa do Assaré:

Aos poetas clássicos

Poetas niversitário,
Poetas de Cademia,
De rico vocabularo
Cheio de mitologia;
Se a gente canta o que pensa,
Eu quero pedir licença,
Pois mesmo sem português
Neste livrinho apresento
O prazê e o sofrimento
De um poeta camponês.

Eu nasci aqui no mato,
Vivi sempre a trabaiá,
Neste meu pobre recato,
Eu não pude estudá
No verdô de minha idade,
Só tive a felicidade
De dá um pequeno insaio

In dois livro do iscritô,
O famoso professô
Filisberto de Carvaio.

No premêro livro havia
Belas figuras na capa,
E no começo se lia:
A pá — O dedo do Papa,
Papa, pia, dedo, dado,
Pua, o pote de melado,
Dá-me o dado, a fera é má
E tantas coisa bonita,
Qui o meu coração parpita
Quando eu pego a rescordá.

[...]

(www.releituras.com/patativa_poetclassicos.asp)

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃE, 2013 p. 78).

No mesmo modelo do capítulo anterior, o capítulo 7 vem construindo um conceito, o texto utilizado nessa construção é do artista cearense Patativa do Assaré “Aos poetas clássicos”. Diante disso, somos levados a refletir sobre o tratamento que é dado a um texto como esse. Vejamos:

2. O poema caracteriza um jeito de falar típico de um contexto brasileiro específico, mencionado no próprio texto.

- Qual é esse contexto e qual termo do poema nos remete a ele?
- Quais recursos são utilizados no poema para caracterizar a fala típica desse universo? Justifique sua resposta com exemplos do texto.
- O título do poema é “Aos poetas clássicos”. Qual relação se pode estabelecer entre esse título e o que o eu lírico diz em seus versos?
- Reescreva os termos abaixo, extraídos do texto, de acordo com a norma-padrão da língua.
 - trabaiá
 - insaio
 - tantas coisa bonita
 - parpita
- e) Na sua opinião, por se tratar de um texto literário, esse poema deveria ter passado por uma revisão antes de ser publicado, a fim de que sua ortografia e sua linguagem fossem adequadas à norma-padrão? Por quê?

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013, p. 79)

Vemos que no quesito “a” a interrogação leva os alunos a pensarem e reconhecer o local de ocorrência desses termos utilizados no texto, e assim estarem reconhecendo a variante. A alternativa “b” pede a identificação dos

termos que possam servir de identificação da variante, levando o aluno a refletir e procurar esses termos. O perigo é o aluno associar a imagem da variante da zona rural a uma forma de falar errada, pois na alternativa “d” pede para passar termos dessa variante para a norma padrão, esse tipo de exercício, citado por Bagno (1961), representa um problema dos livros didáticos, que podem causar preconceito e discriminação aos seus falantes que, por sua vez, se sentirão ofendidos e entenderão que para o português a sua maneira de falar é “errada”, depreciada.

Já na questão dois, contrariamente à questão anterior, os autores mostram que as variedades não são típicas somente de quem mora na zona rural, mas nos grandes centros urbanos também possui variação. Um ponto importante, pois mostram que as variações são da zona rural, da urbana, mais e menos escolarizados, independente de qual aspecto, todos os falantes a utilizam.

exclusivos da fala do universo rural. Dê exemplos de termos que:

a) são empregados também no universo urbano, em geral por pessoas menos escolarizadas, da maneira como estão grafados no poema;

b) são empregados também no universo urbano, mesmo por pessoas escolarizadas, da maneira como estão grafados no poema.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃE, 2013, p.79).

Na questão três desse exercício Cereja e Magalhães (2013) focam na parte do texto em que o autor usa o termo “Dá-me o dado” e explica que esse termo faz parte da norma culta da língua, só não é utilizado por quase ninguém, para não dizer ninguém, um termo que estar na gramática normativa não é utilizado nem pelos mais escolarizados conhecedores dos termos da língua em geral, então por que não “me dá o dado” ser o que a gramática diga que é o certo, já que é assim que os seus usuários em quase toda a sua totalidade usam? Assim, a postura do livro em apresentar esse exemplo faz identificar que a gramática não dá conta do modo de falar da grande maioria de seus falantes.

No final desse exercício, os autores trazem dois pontos para serem discutidos em sala.

- A língua portuguesa é uma só? Se não, de que dependem suas variações?
- O uso da língua pode gerar preconceito? Por quê?

Fonte: Português linguagens (Cereja e Magalhães, 2013 p.79)

Como no capítulo 3, primeiro usa o termo “construindo conceito” uma parte para o aluno analisar e criar suas primeiras impressões acerca do que se está trabalhando, nesse caso, a variação linguística. Essas interrogações foram deixadas para o final do exercício, pois no tópico seguinte, “conceituando”, os autores mostrarão conceitos já formulados para os alunos compararem suas primeiras impressões em relação ao conteúdo trabalhado. Nesse primeiro momento, presenciamos um avanço, pois tivemos, em sua maioria, questões que instigarão os alunos a refletir sobre a noção de língua de que ela é variável e acontece na zona rural, urbana, independentemente do nível de escolaridade do falante. Observamos que a questão “d” usou da recorrente questão citada por Bagno (1961) da reescrita de uma variante para a norma padrão, o que ocasiona, infelizmente, o preconceito, a associação ao erro, pois como já discutimos anteriormente em outros capítulos, não existe variação errada, Bagno (1961) diz que todas têm suas competências na comunicação e atendem à necessidade de cada interação.

Na seção “conceituando”, o livro traz uma breve introdução, dizendo que existem diversas línguas que nos rodeiam desde o nascimento. A partir do segundo parágrafo vemos o tratamento das variedades entrando em evidência.

Em contato com outras pessoas, na rua, na escola, no trabalho, observamos que nem todos falam como nós. Isso ocorre por diferentes razões: nascemos e crescemos em regiões e momentos diferentes; frequentamos a escola por menos ou mais tempo; convivemos em determinados grupos ou classes sociais. Essas diferenças no uso da língua constituem as variedades linguísticas.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013, p.79)

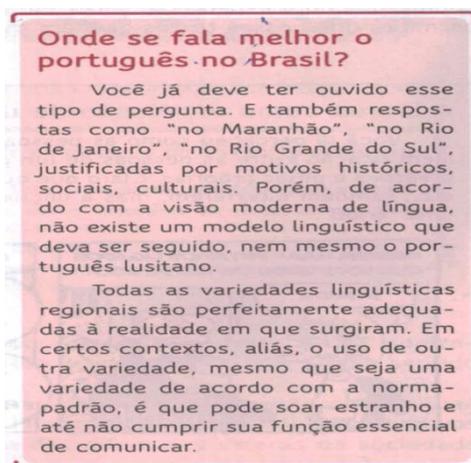
Nas diversas situações de interação que um indivíduo vive, naturalmente no convívio em sociedade, podem ocorrer um contato com diversas variedades, o livro agora explica o que ocorre para existirem essas variações, os fatores que influenciam na existência e na maneira de cada uma. Vejamos agora como os autores apresentam a norma padrão:

Para evitar que cada falante use a língua à sua maneira, em todo o mundo existem especialistas que registram, estudam e sistematizam o que é a língua de um povo em certo momento, o que dá origem à **norma-padrão**, uma espécie de lei que orienta o uso social da língua. Essa norma-padrão é a que está registrada nos dicionários e nos livros de gramática.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES; 2013 p.79)

Cereja e Magalhães (2013) apresentam a norma padrão, explicando sua funcionalidade e dizendo que é a maneira que está conforme a gramática da nossa língua. Ao falarmos de adequação, sabemos da importância de também conhecer como é a forma que é registrada pela gramática, sempre tendo cuidado em não criar uma ideia de que as demais variações são equívocos ou erro. Permitir ao aluno o conhecimento da norma padrão é também uma forma de possibilitar seu uso efetivo da língua nas mais diversas situações.

Vale destacar a existência de uma notinha ao lado, pois ela se mostra coerente com os estudos da sociolinguística e da noção de linguagem aqui defendida, ao apresentar e desfazer alguns mitos em relação a linguagem e à variação linguística. Vejamos:



Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013 p.79)

Os autores trazem um texto de conteúdo importante, como nos alerta Bagno (1961), ao defender que não existe variação melhor ou pior, bem como desfaz o mito, também mencionado pelos autores, de que onde se fala melhor o português é no Maranhão, Rio de Janeiro. Trata-se de uma observação importante para a desmitificação de um falar melhor ou pior.

É possível afirmar que os estudos sociolinguísticos vêm ganhando espaço e reconhecimento, pois vemos nos livros didáticos abordagens que antes não apareciam. Vejamos o que os autores dizem sobre a norma padrão:

A norma-padrão não existe como uma língua de fato, pois ninguém fala português de acordo com ela em todos os momentos da vida. Trata-se de um modelo, uma referência que orienta os usuários da língua sempre que precisam usar o português de modo mais formal.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES; 2013 p.80).

Observamos aqui, por parte dos autores, uma questão prudente sobre a norma padrão, com o reconhecimento de que sua utilização é “escassa” pouco utilizada. Tendo em vista, a adequação linguística é uma capacidade adquirida através dos estudos das variações contribuindo para a formação de um sujeito cada vez mais consciente da adequação dessas variantes da igualdade de importância de cada forma de uso da língua em seus diversos contextos de utilização.

No próximo ponto, vemos mais um exemplo relacionado aos diversos contextos encontrados pelos falantes:

duzir. Por exemplo, se alguém está conversando ao telefone com um amigo, é natural que empregue um português coloquial, repleto de abreviações como “tã”, “tô”, “cê”, “né?”, ou a expressão *a gente*, em lugar do pronome reto *nós*. Contudo, ao fazer uma entrevista para conseguir um emprego, ao apresentar um trabalho escolar, participar de um debate, escrever uma carta para uma autoridade pública, etc., deve empregar uma variedade linguística de acordo com a norma-padrão. Dada a importância da norma-padrão, a escola se propõe ensiná-la a todas as crianças e jovens do país, preparando-os para ingressar na vida profissional e social.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES, 2013 p.80)

O reforço, mais uma vez, dado à importância da adequação ocorre aqui, como nos exemplos da interação pelo telefonema, uma linguagem bem informal com abreviações ou a exigência da norma padrão na utilização diante de autoridades, em uma oportunidade de emprego. No final, os autores destacam a importância da norma padrão e falam do foco da escola em seu ensino. Por fim, destacamos a realidade das variantes na sociedade, apontada no livro em análise:

As variedades do português que mais se aproximam da norma-padrão são prestigiadas socialmente. É o caso das variedades linguísticas urbanas, faladas nas grandes cidades por pessoas escolarizadas e de renda mais alta.

Outras variedades, faladas no meio rural ou por pessoas não alfabetizadas ou de baixa escolaridade, geralmente são menos prestigiadas e, por isso, frequentemente aqueles que as falam são vítimas de preconceito. Por isso, é importante conhecer a norma-padrão e saber em que momentos seu uso permitirá que nossos textos ganhem mais credibilidade.

Fonte: Português linguagens (CEREJA E MAGALHÃES; 2013 p.80)

A supervalorização das variações faladas nos centros urbanos, por pessoas de grande poder econômico nos remete a uma dura realidade da língua. O poder econômico determinou o prestígio, o livro traz essa realidade e fala da importância de ensinar a norma padrão, isso explica as análises anteriores, em que presenciamos uma ênfase na norma padrão e certa desvalorização das demais, na verdade só observamos a variedade do nordestino, do sertanejo, o homem do campo, outro exemplo não foi mostrado, apenas o pedido de transformação para outras variações.

De um modo geral, observamos que ocorreram mudanças significativas, como um capítulo destinado à variação e carregando esse título, alguns momentos falando da visão de variedades com um peso de igual valor para a sociedade, mas infelizmente os pontos negativos continuam, como o exercício de correção normativa com teor de preconceito linguístico, a associação de variação com pessoas de zona rural, de determinada região e menos escolarizadas.

O português é uma língua que apresenta diversas variantes, mas infelizmente a que quase ninguém usa é a que tem maior prestígio pelo fator social, e sua hegemonia sobre as demais, faz com que, ocorram preconceitos, desvalorização de seus próprios falantes. Por conta disso, falas como: eu não sei português, português é difícil, não gosto de português, ainda ouviremos com frequência.

3.1 A variação linguística no livro didático do ensino médio

O livro didático ainda é uma ferramenta que a cada ano confirma ser um objeto indispensável em qualquer escola e que dificilmente seu uso é descartado pelo professor em sala. O educador sempre o utiliza na hora de planejar suas aulas, organizar os conteúdos, a sequência didática, enfim, um instrumento que muitas das vezes torna-se o ditador do funcionamento das aulas.

Há algum tempo (o que deveria ter ficado somente no passado) os conteúdos do livro didático eram focados nas regras gramaticais, homogeneidade da língua, valorizando assim, a norma padrão (ou as mais próximas) e desvalorizando as outras variantes e seus falantes, falamos seus falantes, pois a variação da elite é estigmatizada como a “certa” e o aluno que não pertence à elite, tem seu estilo de fala como a “errada” e a que precisa ser corrigida, o que é totalmente equivocado, pois, de acordo com Bagno (2007, p. 103), não há “nenhum grupo social que fale mais “certo” ou mais “errado” do que o outro”.

O preconceito linguístico, infelizmente algo que sempre foi encontrado nos livros didáticos, nos educadores, nos defensores da gramática, recebe duras críticas dos sociolinguísticos, sobre como são tratadas as variantes dos “não privilegiados” de forma pejorativa. Acerca disso, Bagno (1961) indigna-se por sempre a variação ter a associação de erro, fala de pessoas que não frequentaram a escola, pessoas que moram na zona rural, enfim, como se aqueles que moram em grandes centros urbanos, que tem um grau maior de estudo, não utiliza alguma variação. Ele continua com sua indignação e dá um exemplo que se torna até cômico de tão preciso:

Por tudo o que dissemos acima é que somos obrigados a criticar e a desaprovar outra prática muito frequente nos livros didáticos: a de propor uma atividade de reescrita da fala do Chico Bento, do samba de Adoniran ou do poema de patativa, pedindo que o aluno “passe para a norma culta”. (BAGNO, 1961 p. 123)

Com o avanço dos estudos linguísticos, mais precisamente com o surgimento da sociolinguística e o reconhecimento de seus estudos, foi repensada a maneira de como abranger o ensino de língua e suas variantes.

Com a criação dos parâmetros curriculares nacionais, a criação do Programa Nacional do Livro Didático, tentou-se melhorar a visão sobre a língua e suas variantes. Assim, a visão sobre a língua ser homogênea foi mudada e agora se deve: “(...) Conhecer e valorizar as diferentes variedades do português, procurando combater o preconceito linguístico (...)”. (BRASIL, 1998, p. 33). A ideologia que se deve empregar no livro didático é que o aluno necessita conhecer as variantes de sua língua materna e saber que variantes não são sinônimos de erro, mas compreender que correspondem a necessidade de interação. Tenta-se aí incluir o que antes era excluído, omitido e discriminado. As mudanças de pensamento refletem na tentativa também de diminuir o preconceito existente na sociedade em geral.

As insistentes críticas dos sociolinguísticos à abordagem do ensino de língua geraram mudanças significativas e plausíveis no processo de seleção dos livros didáticos, contudo, essa não é uma mudança tão fácil assim, pois ainda existe quem defenda a gramática e suas regras como sinônimo de perfeição, que defendem afincado a sua hegemonia. O livro didático em sua importância tem melhorado como diz Bagno (1964), mas como ele também diz, existe muito para se melhorar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das mudanças da sociedade, avanços tecnológicos, avanços em diversas ciências, matérias, disciplinas e também nos estudos relacionados à língua, um produto social acompanha todas essas mudanças da sociedade, uma vez que é o fator crucial para uma vivência comunicativa e harmoniosa entre os membros da sociedade, contudo, o ser humano, o utilizador da língua, às vezes não consegue acompanhar essas mudanças ou reconhece-las.

No ensino de Língua Portuguesa, por exemplo, a língua nem sempre é considerada nessa perspectiva de que evolui com o passar do tempo e de acordo com sua comunidade de uso. Partindo dessa realidade, nesse trabalho, buscamos investigar como o livro didático, principal instrumento de ensino aborda a variação linguística.

Podemos perceber que durante a pesquisa, observamos momentos de discordância entre assuntos trazidos no livro e um certo preconceito das variantes. Exemplo disso, foi o texto introdutório dos próprios autores do livro, Cereja e Magalhaes (2013), falando sobre os conteúdos do livro, em que alguns parágrafos foram sobre a importância do conhecimento da língua e suas variantes, da adequação, importância de conhecê-las e aplicá-las nas horas que cada uma terá uma expressividade mais adequada, e infelizmente também encontramos casos de preconceito como no caso de exercícios de reescrita de termos, a associação da variação com o homem do campo, atividades que minimizam a importância de uma determinada variante, como o texto de patativa do Assaré e sua reescrita para a norma padrão da língua. Observamos, portanto, que um importante instrumento de uso da escola, ainda não corresponde às expectativas e orientações de documentos como os PCN e pressupostos da sociolinguística.

O capítulo destinado à variação linguística, apresentam a importância de estudarmos e conhecermos as variantes para sua melhor aplicação. O reconhecimento que a norma padrão tem, seu uso por pouquíssimas pessoas, até mesmo entre os mais escolarizados, colocam todas as variantes em mesmo patamar, sem a exigência de usar só uma, mas adequar-se às situações de uso, como foi apontado no livro.

O conhecimento das variantes e seu estudo fazem com que sejamos capazes de agir social e linguisticamente de modo adequado. Os seus conhecimentos linguísticos contribuem para a oralidade, a escrita e uma comunicação sem discriminação. Nesse sentido, o estudo da língua precisa se desprender das regras gramaticais, já que as variações vêm ganhando espaço nas aulas de português e o reconhecimento da igualdade das variantes é de crucial importância para mudar o campo do preconceito e a valorização delas.

Chegou o tempo de mudança, de igualar os patamares da língua, e começo de toda essa reviravolta é na escola, na formação dos professores, na reformulação de como os livros apresentam esses conteúdos, para que cada falante veja sua variante sendo respeitada, e não precise excluí-la do seu dia a dia porque a escola diz que é errada. Nossa ideologia, cultura, convívio familiar a língua nos descreve, a fala é cultura, a nossa fala é identidade, não precisamos mudá-la, mas sim adequá-la, enriquecendo ainda mais nossas capacidades linguísticas e não nos intimidar diante das ocasiões, mas sim, surpreender no uso do nosso maior tesouro, a nossa Língua.

5 REFERÊNCIAS

ALKIMIM, T. M. Sociolinguística – parte I. In: MUSSALIM, F; BENTES, A C. (orgs.) **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. v. 1. São Paulo: Cortez, 2011, p. 21-47.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: O que é, como se faz? São Paulo: Loyola; 1999.

_____. **A língua de Eulália**. Novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **Nada na língua é por acaso**: Por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 1961.

_____. **A norma culta: Língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola editorial, 2003.

BORTONI-RICARDO, 5. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

BRASIL. Secretaria de educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. 3. ed. Brasília: MEC / SEF, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

CALLOU, Dinah. Gramática, variação e normas. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. Ensino de Gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2009.

DIONÍSIO, A. P. Variedades linguísticas: avanços e entraves. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *O livro didático de Português*: múltiplos olhares. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

LEITE, Yonne. CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

MARTELOTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008.

MUSSALIN, Fernanda & Bentes, Anna Cristina. *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vol. 1. São Paulo: Contexto. 2006.